

ÂNCORA AGORA É FISCAL

Ana Branco / AG

Rio — O Brasil está trocando a âncora cambial, que sustentou o real e os preços baixos no país nos últimos quatro anos, pela austeridade fiscal e monetária. Esta é a opinião de economistas como Ângelo Romano, diretor da Liberal Asset Management (do Grupo Bank of America). Segundo ele, a desvalorização da moeda e a flutuação do câmbio no país são um alívio para a economia brasileira.

“A verdadeira âncora é a fiscal. Agora o Banco Central não precisa mais colocar os juros nas nuvens, o que acaba estourando o déficit público nominal. Com o aperto da política monetária e fiscal, o país também pode evitar uma alta exagerada de preços. A inflação deve subir em um a dois meses, mas depois tende a cair porque a renda deve cair”, afirmou.

Caso o país enfrente uma pressão de desvalorização do real, o câmbio livre será capaz de ajustar a moeda. Não há necessidade de o Brasil jogar nas alturas as taxas de juros com o objetivo de atrair dólares, como aconteceu nas crises da Ásia e da Rússia. Com isso, a política monetária tende a ter um papel semelhante ao de países desenvolvidos, ou seja, os juros são usados para aquecer ou retrair a economia e controlar a inflação.

Segundo Romano, a tendência agora é o governo adotar um câmbio livre como no México, onde existe uma flutuação conhecida como *suja* da moeda — o Banco Central só intervém quando há uma pressão grande contra a moeda, sem estabelecer taxa de câmbio.

Para os analistas, este é o momento de o Brasil acelerar as reformas estruturais, com a aprovação de novas medidas fiscais no Congresso, como as reformas administrativa, tributária e previdenciária. Segundo o diretor da Liberal, o Brasil deveria dar um novo sinal para a comunidade internacional, acelerando também o programa de privatização, com a inclusão no programa de empresas como Banco do Brasil e Petrobras.

“Vamos passar por uma recessão em 99, da ordem de 3% do PIB. Mas se o país fizer o dever de casa, vai voltar a crescer em 2000 ou 2001. Caso o Brasil aproveite esse momento de dor e acelere as reformas e as privatizações, o pre-



Ex-presidente do BC, Langoni decreta o fim do Real: “É preciso um novo plano”

ço alto da recessão será válido”, avalia Romano.

MUDANÇA

Para o economista Carlos Geraldo Langoni, ex-presidente do Banco Central, o Plano Real terminou quinta-feira. “Agora é necessário um novo plano, com a troca da âncora cambial pela âncora fiscal. Essa é a oportunidade de se reescrever o programa de estabilização brasileiro em bases mais sólidas”, afirmou.

Para Langoni, a taxa cambial só ficará realmente estável quando o déficit em conta corrente for reduzido dos atuais US\$ 35 bilhões, aproximadamente, para algo em torno de US\$ 22 bilhões. Só depois desse ajuste o Brasil poderá ter um câmbio estável que permita a melhora da balança comercial e das contas externas.

Já para o ex-diretor de política monetária do BC Carlos Thadeu de Freitas, o real está fortalecido. Segundo ele, a âncora cambial segurou o real no início e, nos últimos meses, o plano vinha sendo sustentado pelos juros. Agora, disse, quem irá segurar o plano é uma política monetária sensata.

Em vez de enfrentar o mercado para defender a moeda, o Banco

Central optou por proteger as reservas e não quis mais pagar para ver até onde iria a aposta dos investidores por uma desvalorização maior do real. A decisão foi tomada em menos de 48 horas depois de o novo presidente do Banco Central, Francisco Lopes, ter anunciado uma nova política cambial. A mudança foi decidida depois de consultas ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer.

“Era a melhor saída e o país escolheu certo. Se quisesse bancar a aposta com os investidores, o Brasil iria perder mais e mais reservas, o que só serviria para aumentar a vulnerabilidade”, avaliou Edgar Amador, economista para América Latina da consultoria americana Stone & McCarthy.

A intenção da equipe era continuar com um alargamento maior da nova banda estabelecida na quinta-feira uma vez por mês, até chegar à livre flutuação. Mas isso só ocorreria dentro de alguns anos. Segundo uma fonte do BC, Fernando Henrique Cardoso sabia que o mercado poderia não aceitar a desvalorização esta semana e pedir mais.